

A REVISTA AGRÍCOLA
E O “VISIONÁRIO”
THEODORETO DO
NASCIMENTO:
“homem de letras e
distinto cientista”

THE JOURNAL AGRICULTURE
AND “VISIONARY”
THEODORETO DO
NASCIMENTO: “man of letter
and distinguished scientist”

Fabírcia de Oliveira Santos*

RESUMO

Situa aspectos da trajetória do médico e lavrador Theodoro Archanjo do Nascimento como fundador e um dos principais redatores da Revista Agrícola, Órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura, periódico editado na capital sergipana entre 1905 a 1908. Foi um dos principais fomentadores de discursos para a organização e produção do campo sergipano na primeira década do século XX em Sergipe. Seus textos publicados nesta Revista são lidos como discursos inseridos no contexto de um capitalismo tipográfico.

Palavras-chave: Revista Agrícola – capitalismo tipográfico – Theodoro do Nascimento

ABSTRACT

Situated aspects of the trajectory of the physician and farmer Theodoro Archanjo do Nascimento as the founder and one of the main editors of the Revista Agrícola (Agricultural Magazine), of the Sergipe Agricultural Society, the capital of Sergipe periodical published between 1905 to 1908. It was one of the main instigators of speeches for the organization and production of the field in the Sergipe first decade of the twentieth century in Sergipe. His texts published this magazine is read as discourses within the context of a typographical capitalism.

Keywords: Agricultural Magazine – typographic capitalism – Theodoro do Nascimento

* Resultado de discussões presentes na tese: A “Revista Agrícola, Órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura” e a estratégia da produção e organização do campo em Sergipe, 1905-1908: “por em commum as ‘luzes’ e experiências””, defendida em julho de 2012 no Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (NPGE/UFS), sob orientação da Profa. Dra. Alexandrina Luz Conceição. Optou-se manter a grafia original das palavras extraídas dos documentos utilizados.

** Professora do Curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia/Universidade Federal do Piauí (PPGARQ/CCN). Doutora em Geografia (UFS/NPGE). Integrante do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais – GPECT (CNPq/UFS/NPGE). Email: fabriciase@gmail.com

No alvorecer de 1905, no dia 15 de janeiro, a Sociedade Sergipana de Agricultura (SSA), fundada em 1902¹, em Aracaju, finalmente conseguiu trazer a lume o seu órgão de imprensa: a Revista Agrícola, para divulgar e defender os interesses da agricultura, do comércio e das indústrias no Estado de Sergipe. Editada na capital, apresentou a seu público leitor durante quatro anos sem interrupções: novecentas e vinte e nove páginas com numeração progressiva em seus noventa e quatro exemplares. Iniciou sua publicação em 15 de janeiro de 1905 e finalizou em 15 de dezembro de 1908.

A Sociedade figurava entre as iniciativas voltadas para organizar a agricultura sergipana em moldes científicos, racionais, o que incluía, sobretudo, resolver problemas em torno da força de trabalho.

A Revista Agrícola, “órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura”, um periódico agrícola que pode ser inserido no quadro geral das “publicações agronômicas”² destacadas por Martins³ (2008, p. 203), uma temática que, segundo a autora, integrou o periodismo brasileiro no final do século XIX e início do XX.

No entanto, além da condição agrícola do país, que justificava a existência dessas publicações, outras questões apontam para a ocorrência de periódicos envoltos nessa temática, singularidades a serem consideradas. Entre as quais, as necessidades de conteúdos específicos em cada revista agrícola de acordo com as respectivas demandas para cada localidade, o que não significa negar que havia razões comuns

¹ A Sociedade Sergipana de Agricultura representava a consolidação de um sonho antigo entre os lavradores sergipanos de retomar as iniciativas anteriores como: o Imperial Instituto Sergipano de Agricultura e o Comício Agrícola de Sergipe.

² Sobre estudos de revistas agrícolas e sociedades de agricultura, ver: BEDIAGA, Begonha Eliza Hickman. *Marcado pela própria natureza: o Instituto Imperial Fluminense de Agricultura e as ciências agrícolas – 1860 a 1891*. 2011. 281 f. (Tese) Doutorado em Ciências – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2011; CAPILÉ, Bruno. *A mais santa das causas: a Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (1869-1891)*. 2010. 269 fl. (Dissertação) Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

³ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008, p. 203.

entre o meio rural brasileiro, como o problema da força de trabalho e sua transição para o trabalho assalariado. As revistas agrícolas, publicadas nas primeiras décadas do século XX, foram editadas sob um discurso uníssono de melhoria técnica do campo, porém, com algumas questões próprias a serem desveladas, realidades agrícolas e agrárias diferenciadas no sentido dos tipos de cultivos, das diferenças regionais que passaram a ser produzidas⁴, e das demandas do capitalismo em seu desenvolvimento desigual e combinado⁵, decorre, portanto, a necessidade de considerar o “locus” da Revista, e essas possíveis singularidades.

A REVISTA E SEU “LOCUS”

O discurso de um passado pode não ter o mesmo sentido para o leitor/ouvinte atual. O “locus” de ocorrência dos fatos é constante, único, mas, as palavras produzidas nesse tempo e espaço podem ser significadas ao longo da história. As palavras são como rastros de um processo que é fruto de um tempo histórico específico, logo, as partes de um discurso não podem ser vistas separadamente, mas como parte de uma enunciação, de um processo comunicativo amplo, complexo⁶.

A língua como idioma, um vocabulário e o seu sentido – uma ideia - passam a ser compartilhados pelos falantes e para os leitores/ouvintes de sua fala, um processo que passa a ser difundido com mais recorrência a partir de um capitalismo tipográfico⁷. A condição de reprodutibilidade de ideias, oferecidas inicialmente pelas tipografias, passou a fornecer uma simultaneidade a partir das leituras em série, e ao mesmo tempo, em diferentes localizações espaciais.

⁴ MELLO, Evaldo Cabral de. *O Norte Agrário – 1871-1889*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.

⁵ SMITH, Neil. *Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço*. Tradução Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1984.

⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. [2ª. tiragem].

⁷ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

A Revista Agrícola, Órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura, foi um impresso com um caráter simultâneo, produzia sentido em seu “locus”, e ao mesmo tempo, refletia um discurso externo, global, em torno da temática do campo. Fazia parte de um gênero discursivo secundário de caráter publicístico⁸, com intenções de unificação de ideias por seus falantes: imprimir a ideia do desenvolvimento da lavoura, da indústria e do comércio, como garantia de “grandeza da nação”, do Estado, do fortalecimento da pátria. Os conceitos de lavoura, indústria e comércio para o período de circulação da Revista ainda estavam arraigados à significação de atividades práticas voltadas para um mesmo fim, o de garantir o plantio, produção e comercialização de gêneros agrícolas, sobretudo o açúcar.

A Revista Agrícola – as suas páginas, o seu contexto –, possuía um vocabulário⁹ que configurava uma linguagem. A formação de uma linguagem é uma tentativa de produzir a unidade de ideias. Não apenas no sentido de um novo idioma, mas de um linguajar próprio de acordo com necessidades específicas. Dessa forma é corrente, em cada período histórico, as sociedades produzirem linguagens adequadas às suas visões de mundo sobre o que está no seu entorno, sobre as suas relações com a natureza, a cidade, o campo, o trabalho, as trocas comerciais. Vinculados à linguagem, o vocabulário - palavras específicas que marcam uma época associado a fatos, relações sociais e históricas que fornecem uma significação – a sua aceitação, repetição, algumas vezes restritas, outras, universalizadas.

A união de palavras e a formação de discursos têm, sob o capitalismo, uma elaboração estruturada com o apoio de novos suportes e formas de comunicação que se ampliaram gradativamente: novas prensas; novos tipos de papel e fontes; ilustrações, novos formatos impressos: cartazes, folhetos, catálogos. O vocabulário e a linguagem analisados na Revista Agrícola integravam os discursos do/para o Estado e a produção

⁸ Bakhtin, Op. cit., 2006.

⁹ Um conjunto de palavras e expressões recorrentes ao “locus” da Revista Agrícola. A união das palavras que conferem sentido singular ao discurso em seu “locus”.

do espaço brasileiro, e estavam inseridos em balizas temporais¹⁰: final do século XIX às primeiras décadas do XX indicadas na historiografia brasileira como o período de mudanças preponderantes no reordenamento das classes dominantes sob o fulcro do avanço do capitalismo¹¹.

THEODORETO E A REVISTA

A “descoberta” de Theodoreto Archanjo do Nascimento ocorreu no interior desse “locus”, entre os exemplares dessa Revista editada quinzenalmente em Aracaju. O discurso na Revista era polifônico, mas as vozes de dois autores foram mais aparentes: um médico (o Dr. Theodoreto Archanjo do Nascimento) e um bacharel em Direito (o Desembargador Homero de Oliveira).

A análise da contribuição dos principais editores e colaboradores da Revista Agrícola ocorreu está situada entre os níveis de abordagem na História do Pensamento Geográfico em que se discute a participação de não geógrafos e suas ideologias na produção de discursos ideológicos sobre o espaço e a superfície da terra¹². Desvela como a formação intelectual e a atuação desses “homens de letras” e os temas explorados interagiram com a produção e organização do campo sergipano.

Para o leitor desatento, os discursos dos dois autores podiam ser confundidos, não somente por igualdade de palavras, mas por serem homogêneos os ideais. De diferentes formações acadêmicas, mas en-

¹⁰ Bosi (1992) diz que datas são balizas não são marcos estanques, servem para delimitar, mas não paralisam o tempo. BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 19-32.

¹¹ MENDONÇA, Sonia Regina de. *O Ruralismo Brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: Hucitec, 1997; FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987; LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos T. *História da Agricultura Brasileira: combates e controvérsias*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

¹² MORAES, Antonio Carlos R. de. História Social da Geografia no Brasil: elementos para uma agenda de pesquisa. *I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*. Rio Claro, SP. 09 a 12/12/1999. Anais... p. 19.

gajados no tom afeito à miscelânea de ideias científicas, patrióticas, positivistas do período. Os dois podem ser considerados como os motores da Revista Agrícola na sua execução teórica, a manutenção física do periódico ficou a cargo de seus diletos colaboradores: agricultores, industriais e comerciantes, e os poucos sócios que participaram com veemência na diretoria Sociedade, como anunciantes, como membros do Conselho Superior da Sociedade Sergipana de Agricultura, propagandistas das boas práticas agrícolas. Mas, foi o médico e o desembargador que alimentaram a “pena”. O exame na contribuição de Theodoreto não minimiza a atuação de Homero, uma vez que o próprio Homero sempre enalteceu na Revista, a pujança de seu companheiro de redação.

THEODORETO: ENTRE A MEDICINA E A LAVOURA

Perscrutar a trajetória do médico e lavrador¹³ Theodoreto Archanjo do Nascimento constitui-se em desafio devido a sua mobilidade entre Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro e outros estados brasileiros, e países estrangeiros para onde viajou principalmente participando de comissões de estudo, mas, sobretudo, o seu esquecimento na historiografia sergipana.

Os seus dados biográficos, a priori, limitam-se a duas fontes: um esboço manuscrito anotado por Epifânio Dória¹⁴ escrutinador da história sergipana, que apresentou a correção sobre a data de seu nascimento: 1866 e não 1886, registrada na segunda fonte: o Dicionário Bio-Bibliográfico¹⁵, obra de referência que contém o mesmo ano, para o nascimento e para a conclusão de seu curso superior na Faculdade de Medicina da Bahia.

¹³ Lavrador para o período não possuía o sentido atual. Tratava-se de grande proprietário de terras com conhecimento e/ou aplicação de práticas agrícolas.

¹⁴ IGHSE, Fundo Epifânio Dória, pac. 2054, cx. 28, doc. 054. Apontamento biográfico de Theodoreto do Nascimento por Epifânio Dória, s.d. Além desses manuscritos, algumas correspondências endereçadas a Theodoreto.

¹⁵ GUARANÁ, M. C. Armindo. *Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925, p. 501-503.

Dória burilou e anotou alguns dados biográficos, provavelmente a partir de alguns documentos (cartas, a sua maioria) relativos à Theodoro existentes no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, tópicos que também estão interpenetrados no texto de Guaraná (1925). Na conferência entre as duas fontes e outras coligidas (principalmente jornais), apesar da confusão da data do nascimento e formação, o Dicionário ainda é a que reúne o maior número de registros biográficos sobre o médico:

Natural de Lagarto, Sergipe. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, recebendo o grau a 18 de dezembro de 1886. Domiciliado em Riachuelo, serviu em comissão por ocasião da epidemia de febres em 1887; fez parte de uma sociedade em Laranjeiras de conferências públicas sobre assuntos sociais de instrução e política de que eram membros Fausto Cardoso, Felisbello Freire, Josino Meneses, Baltazar Góes e outros, em favor da propaganda republicana de Sergipe, e exerceu até 1888 o cargo de Delegado de Higiene daquela cidade. Transportando-se para o Estado de São Paulo, foi em 1889 nomeado para combater a epidemia da febre amarela em Limeira; extinta esta, voltou para a Capital onde matriculou-se em Direito, fazendo o seu primeiro ano em 1890. (...) Em 1891 foi nomeado delegado de higiene na capital de São Paulo e mandado em comissão chefiada pelo Dr. Domingos Freire para a Europa (Berlim), a fim de estudar o tratamento da tuberculose de Koch e em 1892, foi chefe de clínica nas epidemias de febre amarela em Mogi-Mirim (São Paulo) e em 1897 foi nomeado pelo Presidente de Sergipe, Dr. Martinho Garcez, para estudar no Ceará a cultura da maniçoba. Voltando a Sergipe, foi nomeado pelo Presidente, Dr. Josino Meneses, Diretor de Higiene, conservando-se neste lugar até 1901¹⁶, quando foi

¹⁶ Permaneceu no cargo até 1906. Em 1905 solicitou licença para a referida viagem conforme Ofício 331, de 02/06/1905, da Secretaria de Governo do Estado de Sergipe, Terêncio Sampaio, para Theodoro do Nascimento (IHGSE, cx. 23, doc. 158).

escolhido pela 2ª conferência Açucareira do Recife para estudar no Egito, Índia, Java e Ceilão os processos de cultura da cana de açúcar (...). Foi nomeado, em 1907, médico profilático do Xerém e em 1908, representante do Estado de Sergipe no 6º Congresso Médico de São Paulo e membro da grande comissão da Exposição Nacional (...)

Alguns dados presentes neste verbete foram conferidos em outras fontes documentais, uma vez que publicou vários artigos em jornais cariocas¹⁷ e paulistas¹⁸, assim como foram recorrentes nestes periódicos noticiarem sobre a sua atuação, como exemplo, a sua participação ativa na agricultura são referências localizadas no jornal fluminense Gazeta de Petrópolis, na seção “Correios dos Estados”:

Da República do Ceará

Tivemos hoje o prazer de receber a vizita do illustre Sr. Dr. Theodureto Nascimento e Major Argemiro de Sant´Anna, comissionados pelo governo de Sergipe a fim de estudarem neste Estado o plantio e a cultura da maniçoba. O Sr. Dr. Theodureto é médico e tem viajado pela Europa. Reside em São Paulo onde clinica e entrega-se a estudos de agricultura, sendo lavrador em Sergipe e naquelle Estado.

Pretende viajar pelo centro a serviço de sua comissão, concentrando os seus estudos nas principaes zonas de Uruburetama e Maranguape. Agradecidos á gentileza dos dignos cavalheiros, desejamos que encontrem todas as facilidades para feliz desempenho da incumbencia que lhes fora dada pelo governo de Sergipe¹⁹.

¹⁷ Sobretudo, *O Paiz*.

¹⁸ Koguruma apresenta em seu livro transcrição de matéria de Theodoretto sobre críticas às práticas de curandeirismo em São Paulo, publicada em jornal paulista “O Estado de São Paulo” (KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “Metrópole do Café” – 1890-1920*. São Paulo: Annablume, 2001, p. 131-134).

¹⁹ GAZETA de Petropolis. Petropolis, Ano VII, n. 108, Sábado, p. 2, 10/09/1898.

Sobre a sua presença na capital paulista, um artigo sobre as formas de transmissão da Febre Amarela, incluía o médico Theodoreto entre aqueles que discordavam do então defensor da teoria hídrica como o principal meio de contágio da doença²⁰.

Também se registra em sua biografia uma atuação no Partido Republicano, em Sergipe, no século XIX, e sua possível ação simpatizante em torno da causa Liberal na Revolta de Fausto Cardoso²¹, o que resultou na sua provável exoneração do cargo de Inspetor de Higiene, em 1906²², além de sua candidatura temporária a Presidente do Estado de Sergipe em 1908.

PERCURSOS DE THEODORETO NA REVISTA: “O VISIONÁRIO”

As viagens de Theodoreto fizeram parte de sua atuação como propagandista da lavoura, mas, também, estavam relacionadas a sua formação acadêmica, o que incluiu deslocamentos para especialização médica.

Atendo-se especificamente, neste texto, ao tempo de sua participação na Revista Agrícola (1905 a 1908), a primeira viagem registrada é para a capital pernambucana em 1905 para participar da 2ª Conferência Assucareira: “Por Acto do Governo, sob n. 28 de 10 do corrente, foi nomeado para representar o Estado de Sergipe na 2ª. Conferencia Assucareira, a reunir-se a 12 de Março próximo, no Recife, o Dr. Theodoreto Nascimento (...)”²³

²⁰ TEIXEIRA, Luiz Antônio. Da transmissão hídrica a culicidiana: a febre amarela na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 217-242, 2001, p. 226.

²¹ Revolta armada local ocorrida em agosto de 1906 em Sergipe visando depor o então Presidente do Estado, culminou com a morte do líder liberal Fausto Cardoso.

²² SOUZA, Terezinha Oliva de. *Impasses do Federalismo: Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Universidade Federal de Sergipe, 1985, p. 210.

²³ REVISTA Agrícola. Aracaju, Ano I, n. 3, p. 24, 15/02/1905.

Como decorrência das determinações desse evento, a sua nomeação para compor comissão de viagem para o Oriente²⁴. Dessa forma, pouco depois de fundação do periódico, partiu para uma longa viagem, mas procurou não se desvencilhar de suas obrigações de redator. Em artigo publicado na Revista Agrícola, n. 10, “Como despedida”, reiterou a importância da Revista para o meio rural sergipano, assegurou que a “penna scintillante do Dr. Homero a evangelizar nestas paginas que não desaparecerão com a ausência ‘que faço’”²⁵ e sobre a viagem destacou:

Não me seduziu a honra extraordinária, nem tampouco o prazer de viajar, alias conhecido de quem já fez duas viagens ao velho mundo, determinou a minha acquiescencia em partilhar as responsabilidades de uma tão importante comissão. Foi antes a vontade sincera de servir, trabalhar e cooperar para o aperfeiçoamento moral e material de nossa lavoura, com a fé e dedicação de que me sinto capaz, foi a necessidade de provar com factos, estas convicções tantas vezes expressas por meras palavras, o que me pezou no espírito e decidio. É preciso não ser somente theorico e sonhador como somos geralmente tratados, é necessário aggir e penso que aggir é aggir heroicamente uma tal comissão, a tão grande distância, sem ao menos o interesse da remuneração, como acontece, pois apenas teremos o estrictamente preciso para as despezas de viagem, si não for insufficiente, como se deve acreditar, e em breve verificaremos

Finalizou a sua despedida com um pedido aos colaboradores da Revista que a amparassem e a prestigiassem. Theodoreto viajou em

²⁴ Foram os nomeados para a Comissão: Affonso de Mendonça, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, Theodoreto do Nascimento e José Maria Carneiro da Cunha. Theodoreto e Calmon foram para o Oriente e os demais para os Estados Unidos e Cuba (CALMON DU PIN e ALMEIDA, Miguel. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, p. 263-265, 01/03/1906.

²⁵ NASCIMENTO, Theodoreto do. Como despedida. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano I, n. 10, p. 81, 01/06/1905.

comissão com o engenheiro baiano Miguel Calmon du Pin e Almeida, Secretário da Agricultura na Bahia, e futuro Ministro da Viação e Obras Públicas e, posteriormente, da Agricultura, Indústria e Comércio nas primeiras décadas da chamada “República Velha”, sobrinho homônimo do Marquês de Abrantes, importante família baiana que participou praticamente de todas as iniciativas em torno do progresso da lavoura baiana e brasileira²⁶

Sua viagem ao Oriente ecoou nas páginas da Revista²⁷. O número seguinte, após o artigo de despedida, trouxe notícias sobre a sua partida “no dia 2 do corrente mez” [02/06/1905] e elogios para o médico como defensor da lavoura sergipana, e o destaque sobre a importância de sua viagem²⁸.

A seção “Noticias Diversas” da Revista Agrícola, de 01 de julho de 1905, acompanhava a viagem de Theodoreto, informou sobre sua chegada a Salvador, a fim de iniciar seu deslocamento para o Oriente, através de transcrição de matéria veiculada no Diário da Bahia:

(...) Assim se manifestou o “Diário da Bahia”:

Recebemos, hontem, a gentilíssima visita do Sr. Theodoreto do Nascimento que parte amanhã, a bordo do Thames, para Marselha, onde se encontrará com o nosso eminente conterrâneo, dr. Miguel Calmon, e onde emprehenderão juntos, por delegação da

²⁶ ARAÚJO, Nilton de Almeida. *Pioneirismo e Hegemonia: a construção da Agronomia como Campo Científico na Bahia*. 2010. 374 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ. 2010.

²⁷ E também de jornais estrangeiros conforme reproduziu a Revista Agrícola. Além dela foi localizada uma nota sobre a passagem de Theodoreto e Miguel Calmon em jornal das Índias Holandesas *Het nieuws van den dag voor Nederlandsch-Indië* [Notícias do Dia para as Índias Holandesas] n. 230, 06/10/1905, p. 9. As Índias Orientais Neerlandesas (ou Índias Orientais *Holandesas*) a colônia fundada por neerlandeses da *Companhia Neerlandesa das Índias Orientais* (ou VOC) e que abrangia todo o território da atual Indonésia, a capital era Batavia até 1949 quando conseguiu sua independência, hoje é Jacarta. *HET NIEUWS van den dag voor Nederlandsch-Indië* [Notícias do Dia para as Índias Holandesas], n. 230, p. 9, 06/10/1905.

²⁸ NOTÍCIAS Diversas. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano I, n. 11, p. 95, 15/06/1905.

Conferencia Assucareira do Recife, a viagem de estudo da cultura da canna de assucar ao Egypto, á India, a Ceylão e á Java.

Medico de larga nomeada no sul da Republica, principalmente em S. Paulo, onde abriu caminho para o triumpho pelo próprio esforço, servido por muito talento e erudição, o dr. Theodoretto superintende actualmente os serviços de Hygiene em Sergipe, onde também é agricultor adiantado.

É um dos beneméritos da lavoura; ali na formosa terra do seu berço, foi um dos organizadores da Sociedade Sergipana de Agricultura (...) fundador e redactor da Revista Agrícola, adeantado criador e lavrador em seu Estado natal onde tem prestado excellentes serviços, quer na propaganda activa dos meios de melhorar a industria pecuária e agrícola, quer em relatórios minuciosos sobre a cultura da maniçoba (...) ²⁹

Depois de sete meses e meio de viagem, o médico retornou de sua missão³⁰, enquanto a “Bahia” recebia o seu patricio, o Dr. Calmon, com honras, destacando êxito obtido em meio às dificuldades da viagem, “Sergipe”, assim teria dado às boas vindas a Theodoretto:

Sergipe levou, por intermédio de alguns particulares, friamente, as boas vindas, ao dr. Theodoretto; não precisa dizer que não fez surgir seu nome glorioso das urnas; mas em compensação, esperava-o ancioso, para entregar-lhe o lazareto³¹ com as dezenas de variolosos que alli se acham, mais uma vez reclamando a sua competência e os seus serviços. Um Estado que procede assim para aquelles que trabalham, esforçam-se e sacrificam-se, porque não dizer para bem servir-o, está condemnado a marchar um

²⁹ NOTICIAS Diversas *Revista Agrícola*, Aracaju, Ano I, n. 12, p. 105-106, 01/07/1905.

³⁰ OLIVEIRA, Homero de. A Comissão do Oriente. Dr. Miguel Calmon - Dr. Theodoretto do Nascimento. Aracaju, Ano II, n. 26, p. 240-242, 01/02/1906.

³¹ Recordando que Theodoretto, à época, era “Inspector de Hygiene” do Estado, e grassava um principio de epidemia de varíola em Sergipe.

século, atravez da história, para nesta, quando muito, registrar meio passo para frente.

Tambem parece-nos que para aos homens superiores, satisfaz bastante a consciência do dever cumprido³².

Na mesma edição que noticiou o seu retorno, Theodoretto publicou o artigo “De Regresso”. Discorria sobre as certezas adquiridas com a viagem, o que foi solidificado em sua atuação: “e logo, declaro, mais visionário voltei”. No artigo, retomou sua fala de antes da partida: de pedir que a Revista não tivesse fim. Pedido o qual foi atendido, de maneira que agradeceu o empenho dos poucos colaboradores, mas que, apesar da iniciativa, mirava o eminente fim da Revista, sobretudo, diante os custos para mantê-la, valor que muito onerava os cofres da Sociedade Sergipana de Agricultura, o desaparego de seus assinantes: “[...] as devoluções [da Revista] sobem para 198”. Com a tiragem inicial de 500 exemplares passara a publicar 350. Entre os assinantes, muitos não pagavam, ou sequer retiravam seus exemplares nas agências “de maneira que a consequência de tudo isso será o nosso desaparecimento inevitável, ante a vontade soberana dos lavradores de Sergipe que assim querem e assim determinam”³³.

As notícias sobre os resultados da viagem prosseguiram: a transcrição de uma entrevista como o Dr. Miguel Calmon publicada no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro³⁴, na qual destacava a colaboração de Theodoretto. O conteúdo da entrevista informava ainda sobre uma série de alterações produzidas naquele contexto e com previsões para mudanças futuras na produção de alguns itens como a borracha obtida da seringueira, que diante as observações da produção estrangeira não seria mais colhida no prazo de 20 anos. Além do exame sobre outros

³² OLIVEIRA, Homero de. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 26, p. 242, 01/02/1906.

³³ NASCIMENTO, Theodoretto do. *De regresso*. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 26, p. 242-243, 01/02/1906.

³⁴ REVISTA Agrícola. Ainda a Comissão do Oriente. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 27, p. 251-253, 15/02/1906. REVISTA Agrícola. Ainda a Comissão do Oriente. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 27, p. 253, 15/02/1906.

produtos de exportação: açúcar, fumo, algodão. O Dr. Calmon revelou que cumpriu não só que o foi designado na Segunda Conferência, como também as demandas do Governo da Bahia, que incluía a contratação de um cientista estrangeiro para dirigir o Instituto Agrícola da Bahia, e a aquisição de aparelhos para o gabinete de mineração, como também espécimes animais: “comprei na Índia quatro casaes bovinos de raças Nellore, Guserate Hanvi, afora casaes de cabras”.³⁵

Na mesma edição da entrevista de Calmon, o Dr. Theodoretto publicou “A Praga dos Incêndios”, onde avaliou o pouco cuidado dos lavradores sergipanos com a terra e com as matas, permitiam que “rendeiros” plantassem mandioca, feijão e milho e para isso derrubavam as matas, as incendiavam e não davam qualquer retorno aos proprietários, logo concluiu: “nada vale, porque não nos dá fortuna”.³⁶

No conteúdo da Revista essa é uma das poucas referências feitas aos camponeses. Não são chamados de indolentes como em outros textos veiculados, mas não deixam de receber acusações: “o incêndio proposital e a vagabundagem provocante de gente que não precisa trabalhar”. Na mesma matéria essa “gente”, eram os rendeiros, pescadores, caçadores que eram os acusados de “carbonizar o Estado”, a eles também foi imposta a culpa pelas secas, e por todo o desmatamento. O texto é finalizado clamando justiça a esses crimes, exigindo a execução do Código Rural³⁷, a regulamentação do trabalho agrícola. Cabe ressaltar,

³⁵ REVISTA Agrícola. Ainda a Comissão do Oriente. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 27, p. 253, 15/02/1906.

³⁶ NASCIMENTO. Theodoretto do. A praga dos incêndios. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 27, p. 253, 15/02/1906.

³⁷ O Código Rural foi criado em 1905 (Decreto n. 537 de 21 de agosto de 1905 em obediência à Lei N. 481 de 12 de novembro de 1904. Seu texto, na íntegra foi veiculado nas edições da Revista Agrícola: Código Rural. n. 16, 01/09/1905, p. 139-143; Código Rural, n. 17, 15/09/1905, p. 151-157 [faltam as páginas: 153 a 156]; Código Rural, n. 19, 15/10/1905, n. p. 170-173). Faltam alguns artigos do Código porque a edição 18 de 01/10/1905 foi extirpada da encadernação onde estão os volumes armazenados na Biblioteca Pública Epifânio Dória em Aracaju, Sergipe, In: CÓDIGO Rural. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano I, n. 16 p. 139-143, 01/09/1905; CÓDIGO Rural. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano I, n. 17, p. 151-157, 15/09/1905; CÓDIGO Rural. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano I, n. 19, p. 170-173, 15/10/1905.

que em 1906, no cenário brasileiro, a população livre e sem emprego era constante no campo e na cidade, porém escamoteada, por conta dos rearranjos de poder.

A configuração do trabalhador livre no Brasil demandou a reformulação das relações de dominação, contraditoriamente ao lado de um ideário de crença de sociedade livre de homens iguais. O direito a terra para esses trabalhadores livres era extremamente deficitária conforme observou Silva³⁸ sobre “Camponeses e Criadores na Formação Social da Miséria”, no sertão sergipano. Os camponeses eram frequentemente “empurrados” para as áreas de fronteiras com o semi-árido e outros locais com terras praticamente incultas.

As fontes sobre a presença camponesa no campo nesse período estão em negativo, não são claras. A revelação da exploração camponesa requer atenção para as entrelinhas dos discursos presentes nas fontes documentais escritas, como os textos de Theodoreto na Revista. O brilho da ciência do médico viajante parecia ser ofuscado diante de palavras pejorativas para tratar pequenos sitiante, e outros que nada de terra possuíam e “vagavam” em busca de alimento. O apelo do médico para o Presidente do Estado e para o Chefe de Polícia para resolver o problema dos “incendiários”, era uma condição a ser ceifada para que o progresso avançasse.

A matéria também permite inferir sobre as singularidades no/do campo sergipano, como o discurso da classe dominante foi alimentado por um vocabulário e linguagem que moldaram o perfil, não só territorial do campo, mas também das formas de organização do trabalho, assim como o rompimento de antigas práticas culturais associadas, como os costumes em torno dos ciclos agrícolas. Antes com forte vinculação de traços indígenas, africanos e portugueses, foram compelidos ou absorvidos na lógica massificante do capital.

Novas mercadorias associadas a novas necessidades, a desassistência de escolas, a falta de médicos, de trabalho assalariado, impulsionaram

³⁸ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Camponeses e criadores na formação social da miséria*. Porto da Folha no sertão do São Francisco (1820-1920). 1981. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 1981.

a migração para as cidades, a produção do fetiche do progresso e da modernidade, em conjunto a essa produção a definição de estigmas para o campo e para a cidade, atraso e progresso, respectivamente. Um rompimento quase irreversível de elos de coesão social, de forma que os camponeses passaram a ser denominados e compelidos à pecha de “matutos”, “caipiras”, ou outras denominações conforme cada região brasileira³⁹.

Salles (1986) observa como esse processo de emergência do trabalhador livre no Brasil vai ser inserido nas novas formas de dominação, nas quais a demanda da Nação, representada no Estado, é produzida como garantia de controle da luta de classes – em nome da Nação (da unidade), da pátria (do sentido de pertencimento simbólico). E que muitas das relações de dominação foram estabelecidas através de códigos não escritos, mas impressos no comportamento e nas relações entre classes⁴⁰. O que implica que, um universo de informações, principalmente sobre a presença camponesa nesses tempos foi praticamente perdido, uma vez que a memória era/é na maioria das vezes o único suporte de registro de sua existência, assim como seus costumes em comum⁴¹.

O “nomadismo predatório”, tema destacado na matéria, foi observado desde o final do século XVIII e início do século XIX. De forma que não era uma “opção” para trabalhadores indolentes, mas uma prática inserida na mentalidade colonizadora que segundo Pádua é a primeira variável, entre quatro, a serem percebidas na construção de uma equação do caráter ambientalmente devastador da ocupação colonial do território brasileiro:

³⁹ CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 8. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999 [1ª reimpressão]; CUNHA, Eúclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Ediouro, 2003.

⁴⁰ SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, progresso e a sociedade civilizada: o Partido Republicano Paulista e a política de mão-de-obra (1870-1889)*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986, p. 133.

⁴¹ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

A imagem de uma terra sempre disponível para o avanço horizontal da produção [agrícola] minimizava a importância do cuidado ambiental. À medida que os solos agrícolas e pastoris tornavam-se estéreis, a fronteira avançava em direção às florestas e aos campos ainda intactos⁴².

O discurso de Theodoro, apesar das críticas aos “rendeiros”, visava pôr fim a essa prática devastadora das matas.

AINDA OS RESULTADOS DA VIAGEM AO ORIENTE E RASTROS DE UM DISCURSO SOBRE O CAMPO SERGIPANO

Depois de tratar dos “incendiários”, Theodoro prosseguiu nas edições seguintes com outros debates veementes, utilizava as palavras com precisão cirúrgica para identificar os males à lavoura. Entre as temáticas o destaque para o incentivo da prática de outros cultivos de forma a enaltecer a importância da policultura, ainda valendo-se dos resultados positivos da viagem ao Oriente, como também de suas experiências no Brasil.

O editorial da edição de número 29, de 15 de março de 1906, apresentou transcrição de correspondências entre o Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Wenceslau de Oliveira Bello e Theodoro do Nascimento, acerca da solicitação de dados sobre o cultivo da maniçoba ao médico. O conteúdo dos ofícios constatava os resultados dos estudos de Theodoro em torno da maniçoba⁴³ desde o final do século XIX. De acordo com sua resposta ao então Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Theodoro informou que dos 250 mil pés de maniçoba existentes em Sergipe em 1906, 100 mil eram por ele cultivados desde

⁴² PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 73.

⁴³ Queiroz considera entre as espécies exploradas no Nordeste para a extração de látex: *Manihot piauhyensis*, *Manihot heptaphylla* e *Manihot dactyloides*. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus M. *A importância da maniçoba na economia do Piauí: 1900-1920*. Teresina: FUNDAPI, 2006.

1899 na sua fazenda Santo Antonio, em Itaporanga, Sergipe, plantados a partir de sementes trazidas do Ceará. Narrou sobre sua experiência como fazendeiro entre São Paulo e Sergipe e a prática com cultivos mistos, seguiu louvando as iniciativas em prol da maniçoba, parabenizando o governo fluminense em oferecer prêmio para aqueles que cultivassem a referida planta. Finalizou louvando os “grandes propagandistas” da lavoura brasileira: “Tostas, Calmons, Botelhos etc”⁴⁴.

O tema da policultura seguiu no editorial da Revista de 15 de abril de 1906, Theodoretto considerava a possibilidade de “emancipar-se da ruínosa cultura da canna, que alias é a cultura fidalga da terra, por que a ella se acham vinculados, talvez por velhos preconceitos, as maiores famílias de Sergipe”⁴⁵. Ressaltou o quanto essa tradição monocultora, diante à crise do açúcar, poderia arruinar por completo Sergipe. Expôs e comparou as formas de organização do trabalho em torno da produção do açúcar nos países que visitou com as formas sergipanas, nestas, segundo o médico, reinavam o atraso e falta de disciplina. Diante dos fatos, concluiu o quanto era difícil arrancar os lavradores sergipanos da “obsecação da canna”. Narrou as experiências da policultura em outros países, com destaque para o cultivo da laranja na Califórnia, que há trinta anos era pobre e desconhecida e que vivia principalmente do cultivo desse fruto, inclusive da “famosa e inigualável laranja da Bahia”, a qual nem a Bahia e Sergipe, que tinham as mesmas terras, não sabiam aproveitar. O autor questionou do que seriam chamados os propagandistas da Sociedade Sergipana de Agricultura diante o discurso de impulsionar a policultura, se mais uma vez seriam considerados visionários:

Sei que brado no deserto e a prova é que vae desaparecer esta Revista por falta de recursos, de assignantes e de leitores!

⁴⁴ A PROPOSITO da Maniçoba. *Revista Agrícola. Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 29, p. 271, 15/03/1906.

⁴⁵ NASCIMENTO, Theodoretto do. A policultura em Sergipe. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 31, p. 290, 15/04/1906 (Nascimento, 1906, p. 290).

Com ella também irá a Sociedade Sergipana de Agricultura, mas ao futuro deixo o encargo de julgar desse crime dos nossos lavradores que receio também, terá do tempo a mais séria punição. Por minha parte se lhes dou este ultimo conselho, não porque lhes perdoe, mas pela pena que me causa a sua sorte e por amor deste caro Sergipe que tanto quizeramos ver prospero e feliz hombreando os mais adiantados Estados do Brazil⁴⁶.

Mas, independente das alcunhas, afirmava cumprir o seu papel. Deixava a cargo dos destinatários e sobredestinatários de seu discurso que resolvessem o que fazer depois.

ÚLTIMOS REGISTROS DE SUA “PENNA” NA REVISTA AGRÍCOLA

O último editorial escrito por Theodoreto, antes de sua saída de Sergipe para o Rio de Janeiro, foi destinado como apanágio ao então recém-eleito Presidente da República Affonso Penna. Em tempo que aclamava a chegada do ilustre visitante, apontava o que esperava da nova administração do país, e o que os brasileiros dele aguardavam, e, sobretudo, o que a Revista Agrícola “aguardava” ao dar as boas vindas⁴⁷. Levantou comparação entre a realidade brasileira e o que viu nos países do Oriente que visitou. Sobre o Oriente distante conseguiu observar desigualdades sociais, mantidas a custo da exploração europeia naquelas plagas, a privação que os colonos sofriam para o enriquecimento dos dominadores. Diante do exemplo ressaltou os itens necessários para compor uma nação: “instrução e cultura scientifica de um lado, e de outro a prosperidade material pello trabalho intelligente que augmenta que aumenta e multiplica a producção agrícola e industrial de modo

⁴⁶ NASCIMENTO, Theodoreto do. A policultura em Sergipe. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 31, p. 289-291, 15/04/1906.

⁴⁷ De acordo com a matéria da edição 34 (de 15/06/1906, p. 324), a Revista, o seu número especial de 25 de maio de 1906, foi distribuída para o Presidente no seu desembarque fluvial em Aracaju.

duradouro, nunca porem, pela ignorância e inércia”⁴⁸. Apresentava, portanto, o que considerava importante a ser aplicado por Affonso Penna. Descreveu as iniciativas dos presidentes antecessores, e como a visita do então Presidente era destinada a conhecer de perto as necessidades de cada Estado, apresentou as suas queixas, e lamentou que sua “Ex^a. não tinha escolhido uma outra época que diria por si só sobre as dificuldades ‘aqui no Norte’”. Como pedidos/problemas listou: instruções em geral “segundo as luzes dos processos modernos”, a falta estradas de ferro, as dificuldades de escoamento de produtos pelas barras, “não temos braços para o trabalho”, “não temos crédito agrícola”.

Em meio às descrições da visita de Penna, a edição número 25 da Revista, publicava uma nota sobre “A maniçoba em Sergipe” exaltando o empenho de Theodoretto que possuía o mais antigo maniçobal plantado no Brasil e que, recentemente, teria recusado vultosa oferta de compra de suas terras. Na mesma seção uma notícia de implantação, em Londres, de empresa inglesa criada para explorar a borracha no Brasil, principalmente no Pará e no Ceará, “a melhor do mundo”, de forma que pretendiam instalar escritórios, vilas operárias para “indígenas e europeus” e algumas milhas de estradas de ferro⁴⁹. Ainda sobre os maniçobais de Theodoretto, a visita de um americano às suas terras⁵⁰. A visita teve como resultado o estabelecimento de um contrato de venda de seu maniçobal e enquanto não foi processada, arrendou para o americano por 6:000\$000 anuais e que o mesmo negócio foi efetuado com dois outros lavradores, Evangelino Faro (1º. Presidente da SSA) e o Major João Pinheiro de Mendonça⁵¹.

Outro artigo seu, “Imposto de Sangue”, apontava um dos maiores problemas à lavoura sergipana, de maneira que criticava a saída de trabalhadores para a vida militar, o que completava, segundo ele, “a morte

⁴⁸ NASCIMENTO, Theodoretto do. Dr. Afonso Penna. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 33, p. 309-310, 25/05/1906.

⁴⁹ NOTÍCIAS Diversas. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 33, p. 316, 25/05/1906.

⁵⁰ NOTÍCIAS Diversas. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 35, p. 340, 01/07/1906.

⁵¹ NOTÍCIAS Diversas. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano I, n. 36, p. 349, 15/07/1905.

da lavoura sergipana”. Destacou o papel do “soldado camponez” como o ideal, mas clamava para que o Exército poupasse os sergipanos dessa demanda, diante “os claros que preencheram dos batalhões que aqui passaram para Canudos”, de modo que alarmou para a consequência da falta de braços à lavoura nesse período da Guerra de Canudos. A reclamação de então, tinha por fundamento a grande quantidade de inscritos no serviço militar, e de outros que foram cooptados para as plagas da Amazônia por aliciadores. Chegou a comparar Sergipe com “uma África”, a qual comissários militares ou aliciadores vinham em busca de sergipanos. Relembrou as levas comissionadas que lutaram no Paraguai e na Bahia [Guerra de Canudos], e os governantes anteriores que tentaram impedir a “expolição contínua”⁵². Ainda neste artigo, Theodoretto mencionou a “dor e a tristeza” daqueles que partem como uma forma de tentar estabelecer comoção para que os trabalhadores não deixassem o Estado:

Não é só perder o importantíssimo capital que estes indivíduos representam, ainda que não soffressem escolha, mas é a flor de nossa mocidade operária que nos arrancam as inspecções médicas, que só nos deixam o péssimo residuo de fracos e incapazes (...) o sergipano é bom soldado (...) e ahi está o edictal da Capitania do Porto a continua essa sangria que completará a morte de nossa misera lavoura!⁵³

A edição de 01 de agosto de 1906 da Revista Agrícola transcreveu em seu editorial, uma entrevista do jornal “A Bahia” realizada com o Dr. Theodoretto, semelhante a que foi obtida, meses antes, com o Dr. Calmon. Na entrevista, o médico expôs a realidade agrícola de Sergipe, as sugestões para minorar a crise, e discorreu sobre os objetivos

⁵² NASCIMENTO, Theodoretto do. Imposto de sangue. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 36, p. 344-346, 15/07/1906.

⁵³ NASCIMENTO, Theodoretto do. Imposto de sangue. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 36, p. 344.

da viagem ao Oriente para conhecer concorrentes e estudos e práticas de cultivo e beneficiamento do açúcar⁵⁴. Ainda em agosto de 1906, o registro da saída de Theodoretto de Sergipe, por conta de chamado de seu companheiro de viagem ao Oriente, que o demandava para a elaboração do relatório da Comissão⁵⁵.

A Revista de 01 de setembro de 1906 contém o último artigo de Theodoretto enquanto redator: “Lavoura e o Governo”, um pedido indireto para que os interesses da lavoura não fossem prejudicados na contenda política “onde não devem penetrar as paixões políticas”, enfatizava a sua atuação que “há nove anos que me dou ao estudo de *taes assumptos*”, por fim transcreveu como exemplo salutar ao desenvolvimento do país, as ações do então governador do Rio de Janeiro⁵⁶. Na seção Notícias Diversas de 15 de setembro de 1906, a confirmação da viagem de Theodoretto anunciada em número anterior. Com a saída de Theodoretto, o Coronel Sebastião Menezes assumiu a direção da Revista e o engenheiro civil Diniz de Faro, a presidência da SSA⁵⁷

Na edição 41, de 01/10/1906, um anônimo apresentou texto sobre Theodoretto: “O Dr. Theodoretto do Nascimento e a Lavoura Sergipana”, no qual reafirmava as razões de sua partida, o chamado do Dr. Calmon para redigir o relatório da viagem ao Oriente. O artigo enaltecia os feitos do médico em prol da lavoura e as dificuldades que encontrou, principalmente, a falta de compreensão da classe de lavradores, mas observou que não tinha sido completamente só o seu trabalho “insano”, no terreno prático encontrou alguns lavradores ilustrados e “no espaço teórico, s.s. tem, apenas, como paralelo, o ilustrado Dezebargador Homero de Oliveira, que, por seu talento valle por muitos, todavia não é o bastante, porque ‘grande é a seara’ e em maior numero deviam ser os semeadores”⁵⁸.

⁵⁴ SOBRE a Lavoura. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 37, p. 351-353, 01/08/1906.

⁵⁵ NOTÍCIAS Diversas. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 38, p. 369, 15/08/1906

⁵⁶ NASCIMENTO, Theodoretto do. Lavoura e o Governo. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 39, p. 373-375, 01/09/1906.

⁵⁷ NOTÍCIAS Diversas. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 40, p. 388-389, 15/09/1906.

⁵⁸ O DR. THEODORETO do Nascimento e a Lavoura Sergipana. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano II, n. 41, p. 392-393, 01/10/1906.

Nos meses seguintes apenas republicações de seus textos que escrevia na imprensa carioca, como exemplo, as edições de 01 e 15 de julho de 1907 trouxeram artigo sobre “A proposito da Lei sobre o Povoamento do Solo”, de autoria de Theodoreto que saiu no *Jornal do Comércio* [de 19 de maio de 1907] do Rio de Janeiro⁵⁹.

Em 1907 registra-se a publicação de texto de sua autoria na *Revista Kosmos*, no qual descreve elementos culturais de sua passagem pela Ilha de Java. Diferente da *Revista Agrícola*, o médico apresenta um estilo de escrita com descrições sensoriais ao descrever o que observou nas paisagens equatoriais: templos budistas, grupos musicais, montanhas etc⁶⁰. Era um dos resultados de sua viagem ao Oriente, entre as múltiplas funções de um sujeito histórico com grande abrangência científica e social, porém ainda esquecido, mas que deve ser estudado, (re)visto no interior de seu “locus” em suas contradições, sem esmaecer a sua contribuição para a História das Ciências no Brasil em diversas áreas do conhecimento, e no interior da consolidação de um capitalismo tipográfico no Brasil, tempo em que revistas passaram a cumprir um papel vital ao processo de disseminação e unificação de linguagens.

Artigo recebido em 31 de março de 2013

Aprovado em 22 de maio de 2013

⁵⁹ A PROPOSITO da Lei de Povoamento do Solo. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano III, n. 59, p. 578-579; 01/07/1907; A PROPOSITO da Lei de Povoamento do Solo. *Revista Agrícola*. Aracaju, Ano III, n. 60, p. 584-586, 15/07/1907.

⁶⁰ NASCIMENTO, Theodoreto do. Coisas da Índia. *Kosmos*. *Revista Artistica, Scientifica e Litteraria*. Rio de Janeiro, Ano IV, n. 9, p. 3-7, set., 1907.

